Folha Nacional

5 DE SETEMBRO DE 2025 | SEMANAL | ANO 3
116ª EDIÇÃO | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
WWW.FOLHANACIONAL.PT

DIRETOR NUNO VALENTE
DIRETORA ADJUNTA PATRÍCIA DE CARVALHO
SUBDIRETOR RICARDO DIAS PINTO
EDITOR BERNARDO PESSANHA

"QUERO DEVOLVER A CASTELO BRANCO A CENTRALIDADE QUE MERECE"

JOÃO RIBEIRO
CASTELO BRANCO

"TEMOS DE SER OS POLÍTICOS QUE QUEREMOS TER"

DAVID CATITA
BEJA

"A MÁ DESPESA PÚBLICA ESTÁ POR TODO O LADO NA CÂMARA DO PORTO"

MIGUEL CORTE-REAL
PORTO

JOÃO RIBEIRO CASTELO BRANCO

"QUERO DEVOLVER A CASTELO BRANCO A CENTRALIDADE QUE MERECE"

***João Ribeiro**, de 37 anos e natural de Castelo Branco, é candidato à presidência da Câmara Municipal pelo CHEGA. Numa entrevista exclusiva, o político detalha os problemas do concelho, apresenta soluções e revela a sua visão para o futuro da cidade e das aldeias do distrito.*

Por que razão se candidata à presidência da Câmara?
Nasci e vivo em Castelo Branco. Depois de ver o nosso concelho a enveredar por um caminho de inverno demográfico, falta de ambição e estagnação económica, sinto-me na obrigação de ajudar a devolver a Castelo Branco a centralidade distrital que merece. Preocupa-me o futuro do nosso concelho e a sua capacidade para competir com outros municípios do país. Não podemos continuar a aceitar que Castelo Branco seja apenas mais um concelho do interior perdido na desertificação e no abandono económico.

Quais são, no seu entender, os problemas estruturais do concelho?
Castelo Branco é o terceiro maior concelho do país em área, mas sofre de um desequilíbrio grave entre cidade e zonas rurais. A cidade cresceu em população nos últimos 30 anos, mas à custa do êxodo rural das aldeias do concelho e até de concelhos vizinhos, tornando o saldo demográfico negativo. Deixou-se de investir em vias de comunicação, cobertura de rede móvel, serviços públicos e transportes. Isto cria um círculo vicioso: quem fica nas aldeias enfrenta isolamento, menor acesso a serviços, aumenta o risco de fogos florestais e perde o interesse em continuar a viver nessas zonas.

Estes são os problemas das zonas rurais. E os da cidade?
Os empregos criados têm, na sua maioria, salários baixos e elevada instabilidade. Um exemplo são os call centers, muitas vezes envolvidos em polémicas nacionais, como o da Segurança Social aqui em Castelo Branco. Mais recentemente, a imigração descontrolada trouxe desafios ao nível da habitação e gerou um sentimento crescente de insegurança. Muitos imóveis estão devolutos, alguns pertencentes à própria Câmara. É necessário levantar a situação de todos os imóveis, recuperar os degradados e controlar a sua atribuição de forma eficiente e transparente.

Se for eleito, quais são as medidas que considera como prioritárias?
Caso seja eleito, uma das primeiras medidas a colocar em prática vai ser a de uma auditoria às contas da Câmara dos últimos 20 anos. Não nos podemos esquecer que, no mandato anterior, o presidente da Câmara do Partido Socialista perdeu o cargo por ordem judicial, sendo substituído pelo vice-presidente, que é agora candidato do PSD/CDS. Existem rumores de situações menos claras na Câmara, mas ninguém teve coragem de auditar. Nós teremos essa coragem, porque os cidadãos têm o direito a saber o que se passou e onde foram aplicados os recursos públicos. Só assim podemos corrigir falhas históricas e construir um futuro melhor.

> ***"Daqui a 10 anos quero ver as aldeias novamente povoadas, uma rede ciclável e pedonal a ligar todas as freguesias, cobertura móvel completa, transportes públicos acessíveis e serviços de saúde, educação e habitação."***

Atualmente, o João é deputado municipal. Como descreve a sua atuação neste mandato que agora termina?
Creio que foi uma atuação positiva. Consegui aprovar propostas importantes, como a colocação da bandeira de Portugal e da cidade no nosso concelho, a isenção da taxa de esplanadas no pós-COVID-19, a obrigação de o executivo defender o traçado de autoestrada do IC31 e lançar o estudo para a constru-

© FOLHA NACIONAL

ção de um parque TIR. Fui o segundo deputado municipal com mais tempo de intervenção, alguns nunca falaram ao longo do mandato. Concorro para ganhar, mas se não for eleito, continuarei a lutar pelo melhor para a nossa terra.

Considera que a desertificação do interior é uma inevitabilidade?

Não, de todo. A qualidade de vida no interior é muito superior à do litoral. É possível ter uma vida tranquila, sem a azáfama das grandes cidades. O problema é que as oportunidades laborais e culturais ainda são limitadas. Com as ferramentas de trabalho atuais, podemos trabalhar a partir de qualquer ponto do mundo, desde que haja uma boa ligação à rede. Os territórios de baixa densidade têm enorme potencial de crescimento e são essenciais para a coesão e sustentabilidade do país. É preciso é investir e olhar para o interior como um ativo importante para o país, o que não tem sido feito ao longo das últimas décadas.

Qual é a sua visão para o concelho daqui a dez anos?

Daqui a 10 anos quero ver as aldeias novamente povoadas, uma rede ciclável e pedonal a ligar todas as freguesias, cobertura móvel completa, transportes públicos acessíveis e serviços de saúde, educação e habitação que não discriminem quem vive na cidade ou na aldeia mais isolada. E, claro, uma gestão rigorosa da habitação social. Todos os imóveis da Câmara serão mantidos, recuperados e atribuídos de forma controlada. A cidade de Castelo Branco voltará a ser a verdadeira capital de distrito

Atualmente é deputado à Assembleia da República. Se for eleito Presidente da Câmara, por qual mandato vai optar?

Ser deputado é uma honra, e tenho defendido o distrito ao longo do mandato. Mas o poder legislativo não é tão entusiasmante quanto o poder executivo local. Na Câmara, vemos a transformação acontecer à nossa frente. A minha cadeira de sonho é ser presidente da Câmara de Castelo Branco e fazer a diferença.

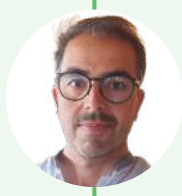
CANDIDATOS DO DISTRITO

BELMONTE
DIOGO VALENTIM
AUDIOPROTESISTA

COVILHÃ
LUCIANA LEITÃO
AGENTE IMOBILIÁRIA

FUNDÃO
HUGO SILVA
BOMBEIRO

IDANHA-A-NOVA
PEDRO REGO
ADVOGADO



OLEIROS
LUÍS MENDES
ENGENHEIRO FLORESTAL

PENAMACOR
FRANCISCO TEIXEIRA
MOTORISTA

PROENÇA-A-NOVA
CUSTÓDIO LOPES
EMPRESÁRIO

SERTÃ
JOSÉ NUNES
PROFESSOR

VILA DE REI
LURDES FERREIRA
TÉCNICA AUXILIAR DE FARMÁCIA

VILA VELHA DE RÓDÃO
DIOGO AVÓ
ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO

DAVID CATITA BEJA

"TEMOS DE SER OS POLÍTICOS QUE QUEREMOS TER"

***David Catita** é a aposta do CHEGA para candidato às eleições autárquicas em Beja. Com 48 anos, natural e residente na cidade, é licenciado em Ciências do Ambiente e exerce funções técnicas na EDIA. Já presidiu à Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos Limousine e atualmente lidera a Associação Portuguesa de Criadores de Ovinos Suffolk, bem como o Clube de Caçadores de Santo Humberto.*

Quem é o David Catita e o que o fez entrar na política?
Vivo e trabalho em Beja, como eng. do ambiente na empresa de Alqueva, para além de gerir a exploração agrícola de família. A decisão de aceitar este desafio político tem como base a necessidade de dar um novo rumo a este concelho, dignificando a sua identidade rural, mas em simultâneo, potenciando pessoas e empresas que querem viver e investir em Beja. A falta de opções políticas, que queiram tirar este território da lama vermelha onde está atascado, obriga a que quem quer um futuro diferente tenha de avançar. Temos de ser os políticos que queremos ter!

Como caracteriza a situação atual de Beja?
O distrito de Beja representa, em simultâneo, o melhor e o pior que a estratégia política realizou nas últimas décadas. Beja, a capital de distrito governada há 50 anos por socialistas e comunistas, não conseguiu assumir-se como capital do empreendedorismo e do agronegócio, apesar do investimento de Alqueva de mais de 2500 milhões de euros, onde Beja representa o centro estratégico deste espaço em mudança desde 2000. As diferentes governações autárquicas não tiveram ambição. Na verdade, não quiseram a criação de riqueza nem a melhoria da qualidade de vida, ou por estigma ideológico ou por falta de visão. Ao longo deste período a autarquia não se esforçou para alterar o PDM de forma radical, numa cidade totalmente rodeada por RAN, sem qualquer margem de crescimento ou expansão.

Em que medida a autarquia poderia ter contribuído para esse crescimento?
Ora vejamos. A RAN (Reserva Agrícola Nacional) tem como objetivo a proteção do uso agrícola de terras com qualidade para tal, mas, depois do investimento brutal em Alqueva, era suposto e desejável que esta transformação agrícola se fizesse com pessoas residentes e com empresas locais, para que este território não seja uma barriga de aluguer e o fluxo financeiro não escorra diretamente para Sevilha. No entanto, a gestão camarária da cidade não soube ou não quis crescer, não foram criadas zonas industriais para as empresas se estabelecerem, não foram criados bairros habitacionais para que as pessoas vivam com qualidade e a preços acessíveis. A cidade está bloqueada, como uma árvore metida num vaso há 40 anos (com a criação da RAN) e apesar do adubo e da água do investimento de Alqueva, Beja não consegue crescer, retorcendo as suas raízes em opções remendadas e sem futuro.

> ***"As diferentes governações autárquicas não tiveram ambição. Na verdade, não quiseram a criação de riqueza nem a melhoria da qualidade de vida, ou por estigma ideológico ou por falta de visão."***

De que forma o CHEGA pretende alterar a situação?
O CHEGA, no contexto da sua candidatura a Beja vai alterar esta estagnação. As áreas industriais de Évora ou Portalegre, com cerca de 250ha cada uma, demonstram que a zona industrial de Beja com 70ha é manifestamente insuficiente, e um bloqueio à resposta do concelho de Beja em termos de desenvolvimento do agronegócio potenciado pelo regadio.
Da mesma forma, a candidatura do CHEGA pretende criar verdadeiras áreas de expansão urbanística em redor de Beja e das restantes povoações do concelho.

© FOLHA NACIONAL

Parece absurdo que alguém que escolha Beja para viver, neste enorme território rural com mais de 110 mil hectares, tenha de ir morar para um andar caro e apertado, por ausência de bairros para construção de moradias, com jardins, com espaço, com estacionamento e com qualidade de vida, que possam aumentar a oferta e assim reduzir os preços praticados.

Que medidas apresenta para acabar com o isolamento de Beja?

O nosso objetivo fulcral é o fim do isolamento que as outras forças políticas foram permitindo que se apoderasse de Beja, sem ligações rodoviárias para o interior (Espanha) e para o litoral, mas também sem ligações ferroviárias dignas e lógicas, que liguem Beja ao norte e ao sul, sendo atualmente a linha de comboio que serve Beja um beco sem saída, que chega a Beja e tem de voltar para trás, impedindo a sua ligação ao Algarve. Alguém em Beja, que pretenda ir de comboio para Faro, tem de ir quase até Lisboa e só depois segue para Faro, levando 4 horas, quando estava a pouco mais de uma hora, demonstrando que o caminho da descentralização ainda tem muito que percorrer por um interior que não se pode vergar ao abandono, e não pode admitir que todos os investimentos continuem a ir para o eixo entre Lisboa e Porto. A escolha do interior e de Beja para os alunos do ensino superior também devia ser estratégica para um país tão desequilibrado e uma forma óbvia de rejuvenescer Beja.

Relativamente às infraestruturas militares e, principalmente ao Aeroporto de Beja, que medidas apresenta?

Beja tem de ser parte ativa no papel que Portugal assumiu perante a comunidade internacional no contexto do investimento militar. Beja tem importantes infraestruturas do Exército e da Força Aérea, assim como um aeroporto e espaço disponível para aqui receber os investimentos produtivos que Portugal realizará. Este compromisso tem de deixar riqueza em Portugal e Beja tem de estar atenta e preparada para receber estes investimentos, alguns deles também necessários ao futuro agrícola, como os drones, por exemplo.
Beja é um território estratégico que tem tudo para crescer, atrair investimentos e dar condições para as pessoas que queiram aqui viver, estudar e trabalhar, e deixar de ser um dormitório de migrantes ou uma terra sem lei.

Que mensagem final gostaria de deixar aos seus eleitores?

Chegou a hora de Beja, onde quem trabalha ou quem trabalhou tenha a devida recompensa sob a forma de qualidade de vida e o CHEGA estará cá para garantir que Beja mudará para melhor.

CANDIDATOS DO DISTRITO

ALVITO
HUGO COELHO
EMPRESÁRIO

ALMODÔVAR
RUI BRITO
FUNCIONÁRIO PÚBLICO

ALJUSTREL
FILIPE DUARTE
ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO

BARRANCOS
RICARDO DIAS PINTO
DEPUTADO

CASTRO VERDE
ANDRÉ COLAÇO
EMPRESÁRIO

CUBA
PEDRO PESSANHA
DEPUTADO

FERREIRA DO ALENTEJO
OCTÁVIO COSTA
MINEIRO

ODEMIRA
RUI CAMPOS
EMPRESÁRIO

OURIQUE
IDALETE BRITO
ASSISTENTE SOCIAL

MOURA
RUI RODRIGUES
PROFESSOR

MÉRTOLA
RITA CORDEIRO
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

SERPA
MÁRIO CAVACO
REFORMADO OFICIAL
SUPERIOR DA FAP

VIDIGUEIRA
JOÃO BAIÃO
TÉCNICO OFICIAL DE CONTAS

MIGUEL CORTE-REAL PORTO

"A MÁ DESPESA PÚBLICA ESTÁ POR TODO O LADO NA CÂMARA DO PORTO"

***Miguel Corte-Real** é a aposta do CHEGA para as eleições autárquicas de 2025 na cidade do Porto. O candidato destaca Campanhã como um território de oportunidades e crescimento, e aborda temas como segurança e imigração sem rodeios. Aponta ainda o mau uso de dinheiros públicos, dando como exemplo a empresa municipal de cultura, onde dois candidatos da lista PSD/CDS empregam 25 assessores de comunicação.*

O Miguel Corte-Real foi líder da bancada do PSD na Assembleia Municipal do Porto. Por que motivo se candidata agora pelo CHEGA?
Em 2021, quando fui eleito, participei num acordo com os independentes, que considerava positivo para os portuenses. No entanto, o PSD preferiu negociar lugares em vez de honrar esse compromisso. Para manter as minhas convicções, tive de mudar de partido. O meu limite foi atingido quando me disseram que o tema da segurança não era assunto para o PSD.

A segurança é um problema real na cidade invicta?
Sem dúvida. No dia em que temos medo de sair à rua, de encontrar o carro vandalizado ou de ver os nossos filhos assaltados a caminho da escola, a segurança deixou de ser uma perceção para ser um problema real. Esse dia é hoje. Há zonas no Porto que se tornaram praticamente interditas, com bairros dominados por gangues ligados ao tráfico de droga.

E a imigração?
Digo o mesmo. A realidade é evidente para todos os portuenses, mas apenas o CHEGA tem coragem de falar sobre isso. Quando, na Junta de Freguesia do Bonfim, centenas de cidadãos pedem atestados de residência para a mesma morada, estamos claramente perante redes criminosas organizadas. Isto não é uma perceção, é um facto. A imigração deve ser regulada com base na ordem e na lei, mas a imigração ilegal, como nestes casos, tem de ser combatida com firmeza e sem complacência. O CHEGA, na Câmara Municipal, não irá ignorar esta realidade.

A despesa pública com a cultura é também um problema?
O que se gasta em verdadeira cultura é investimento. Mas, no Porto, se olharmos para a gestão da Ágora, empresa municipal de cultura, gerida por dois membros do CDS, que integram agora a lista de Pedro Duarte, vemos despesas completamente desproporcionadas. Esses administradores contrataram 25 assessores de comunicação, 14 juristas, 18 gestores de recursos humanos e 11 financeiros, apenas para essa empresa. Os custos com recursos humanos crescem 20% ao ano desde 2017. Importa referir que a Câmara Municipal do Porto é a que mais empresas municipais tem no país, com administradores e diretores a ganharem mais do que os próprios eleitos.

> *"Por cada quatro metros da patética linha de Metrobus na Boavista, ficou uma casa por construir"*

Mas esse não é um problema da cultura apenas...
É um problema endémico no Porto. Há má despesa pública por todo o lado: obras inúteis, projetos que nunca saem do papel, mas custam milhões. Quando se gasta mal, ou por compadrio, há sempre algo de essencial para os cidadãos que fica por fazer. Já dei um exemplo concreto: 'Por cada quatro metros da patética linha de Metrobus na Boavista, ficou uma casa por construir'.

O trânsito é outro dos problemas que elegeu como prioritário. Que soluções propõe?
O Porto está na pré-história da gestão semafórica. Foram gastos milhões em adjudicações, quase sempre à mesma empresa, mas os semáforos continuam desarticulados. Todos os portuenses sabem quanto tempo perdem parados sem necessidade. Para além disso, falta bom senso e inteligência na gestão das obras: muitas são desnecessárias e estão mal calendarizadas.

E depois há a VCI (Via de Cintura Interna) ...
Já apresentei uma solução concreta, que depende apenas da Câmara Municipal: a deslocalização do Mercado Abastecedor, que provoca cerca de três mil movimentos diários de veículos pesados. É preciso resolver este problema antes de pensar noutras medidas. Enquanto o Mercado estiver ali, tudo o resto será insuficiente. Os meus adversários falam em portagens e proibições, mas todos sabemos que nunca as aplicarão. O CHEGA responde com propostas realistas e inteligentes.

E Campanhã agradece?
Retirar o Mercado Abastecedor daquele local seria transformador para Campanhã. Esta freguesia tem de deixar de ser tratada como um espaço periférico e passar a ser reconhecida como o verdadeiro território de expansão da cidade. Entre os terrenos do Mercado e zonas como o Monte da Bela, a Câmara detém mais de 300 mil metros quadrados quase contínuos junto à VCI e à estação de Contumil. Ali pode nascer uma nova centralidade urbana, com habitação acessível, cooperativas e novas empresas.

O urbanismo é também uma das suas preocupações?
Claro que sim. Porque o mesmo urbanismo que não consegue construir habitação no Quartel de Monte Pedral ou no

© FOLHA NACIONAL

Monte da Bela é o que permite alterar o PDM (Plano Diretor Municipal) e aprovar torres de 100 metros na Avenida Nun'Álvares. O resultado está à vista: a cidade está repleta de construções sem critério nem visão.

Quem considera serem os seus principais adversários no dia 12?

Os meus verdadeiros adversários são aqueles que usam o Porto como trampolim para as suas carreiras políticas. Não podemos ser liderados por quem está ao serviço do Governo central ou por quem alterna entre a capital e o Porto conforme a conveniência. Se entregarmos o destino da cidade a um emissário de Lisboa, então o Porto deixará de ser verdadeiramente a cidade invicta, porque, na verdade, já terá perdido.

CANDIDATOS DO DISTRITO

AMARANTE
SÓNIA MONTEIRO
DEPUTADA

BAIÃO
RAUL MELO
DEPUTADO

FELGUEIRAS
EDUARDO TEIXEIRA
EMPRESÁRIO

GONDOMAR
RUI AFONSO
DEPUTADO

LOUSADA
PAULO PINTO
GUARDA PRISIONAL

MAIA
ANDRÉ ALMEIDA
EMPRESÁRIO

MARCO DE CANAVESES
PATRÍCIA MAGALHÃES
GUARDA PRISIONAL

MATOSINHOS
ANTÓNIO PARADA
EMPRESÁRIO

PAÇOS DE FERREIRA
RUI SOUSA
DIRETOR COMERCIAL

PAREDES
ANTÓNIO PINTO
EMPRESÁRIO

PENAFIEL
CARLA SILVESTRE
ADVOGADA

PÓVOA DE VARZIM
JOSÉ LUÍS VASCONCELOS
EMPRESÁRIO

SANTO TIRSO
TIAGO MATOS
EMPRESÁRIO

TROFA
PEDRO NEVES
EMPRESÁRIO

VALONGO
RUI MARQUES
CONTABILISTA

VILA DO CONDE
PEDRO SILVA
GESTOR OPERACIONAL

VILA NOVA DE GAIA
ANTÓNIO BARBOSA
EMPRESÁRIO REFORMADO

5 DE SETEMBRO DE 2025 | SEMANAL | ANO 3 | 116ª EDIÇÃO

WWW.**FOLHANACIONAL**.PT